

R\$ 49,90  
9 774137 866691

ED. 161. ANO 25  
FEVEREIRO, 2020

# PRESENÇA *pedagógica* na sala de aula



Organização dos Estados Ibero-americanos  
Para a Educação, a Ciência e a Cultura  
OEI

Organización de Estados Iberoamericanos  
Para la Educación, la Ciencia y la Cultura  
OEI

**êxito**  
INSTITUTO DE EMPREENDEDORISMO

## A nova cara da Educação Infantil em tempos de BNCC

**ENTREVISTA**  
Doutor em Educação fala sobre a BNCC na sala de aula

**EDUCAÇÃO E CORPO**  
A percepção física dos estudantes no espaço escolar

**EDUCAR NO FUTURO**  
As tendências para o setor educacional em 2020

# BNCC NA PRÁTICA

*Após a elaboração dos currículos em cada estado do País, chegou a hora de a BNCC avançar para a sala de aula*

**E**m grande parte do País, o ano de 2019 foi dedicado à formação de professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental para que pudessem implementar os novos currículos, seguindo as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Todos os estados e o Distrito Federal precisaram traduzir a BNCC para suas realidades regionais e tiveram essa tradução aprovada pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime). Depois disso, cada município ainda adaptou o currículo à sua situação local. O processo de elaboração dos currículos foi feito de forma colaborativa entre estados e municípios; assim, o resultado não foi um currículo da rede estadual, mas um documento do território. Agora, em 2020, é hora

de colocar em prática, na sala de aula, tudo o que foi consolidado no papel, norteado pela Base Nacional.

Professor universitário, Júlio Furtado fala à *Presença Pedagógica* sobre esse momento importante de implementação da BNCC – a prática na escola. Um trabalho que envolve não só alunos e professores, mas também gestores escolares, família e a sociedade como um todo. Furtado é doutor em Ciências da Educação e mestre em Educação, graduado em Geografia, Pedagogia e pós-graduado em Orientação Educacional, Gestalt Terapia e Dinâmica de Grupo. Especialista em Programação Neurolinguística, o professor também é diplomado em Psicopedagogia pela Universidade de Havana, Cuba. Confira a entrevista na íntegra nas próximas páginas!



Lindsay Romariz

Júlio Furtado, doutor em Ciências da Educação

**Em seu artigo intitulado *BNCC pede renovação nas escolas*, o senhor afirma que, em um contexto histórico, a educação nacional não obtém mudanças somente a partir de leis e decretos. Nesse sentido, como os educadores devem encarar a BNCC: mais pelo seu lado de oportunidade ou por sua dimensão legal?**

As duas coisas. A dimensão legal é sempre um argumento irrefutável diante da resistência, porém, apenas a consciência da necessidade de mudança leva à concretização das ações em sala de aula. Para promover mudanças, a legislação precisa ser legitimada, e isso somente ocorre quando as mudanças instituídas encontram eco na crença dos professores, que por sua vez só acreditam quando se sentem seguros e enxergam coerência no processo.

A BNCC chega como uma grande oportunidade de as escolas concretizarem discursos antigos, como a necessidade de aulas mais participativas, trabalho por meio de projetos e acompanhamento individual das aprendizagens, por exemplo. Ao preconizar as metodologias ativas, a BNCC, que é uma resolução com força de lei, “oficializa” o ensino ativo nas salas de aula. Podemos encarar isso apenas como mais uma legislação ou aproveitar o contexto para promover uma mudança real na forma de ensinar.

**Desde o ano passado, as escolas trabalham para se adequar às novas demandas da Base Nacional. Em uma análise desse processo, quais são os impactos da BNCC na prática?**

Acredito que, além da questão metodológica, o ato de planejar vai sofrer transformações significativas. Refiro-me ao princípio da progressão das aprendizagens, que é consequência da estrutura



espiralada do currículo proposta pela BNCC. Um currículo em espiral faz com que cada ano escolar precise estar conectado ao anterior e ao posterior, formando um fluxo em espiral. Isso demanda um planejamento vertical, prática pouco presente em nossas escolas. Planejar verticalmente exige que o professor acompanhe de perto a progressão das aprendizagens dos alunos para que possa informar ao professor do ano seguinte de que ponto ele pode partir e que dificuldades provavelmente encontrará.

Outro impacto importante é o foco no desenvolvimento de competências e não apenas na aprendizagem de conteúdo. Por sermos fruto de uma escola que não teve esse foco, nossa prática é muito centrada no conteúdo e não na sua aplicação prática e contextual. Muitos alunos sabem as quatro operações, mas recebem troco errado e não percebem. Esse impacto é essencialmente metodológico. Precisamos dar aulas contextuais, que proponham desafios e facilitem a ação coletiva na busca pelas possíveis soluções. Na prática, isso significa ensinar menos e desafiar mais. Afirmar menos e perguntar mais. Definir menos e instigar mais.

A efetividade da BNCC repousa em uma prática docente dinâmica, que atribua ao aluno papel crescentemente ativo no ato de aprender. Aprendemos a dar aulas com os professores que tivemos, logo, somos o retrato de um modelo cristalizado de ensino. Professor fala, aluno ouve, de preferência em fileiras de carteiras retilíneas que nos permitam ver uma só cabeça (cabendo aí, no mínimo, duas interpretações). Romper com esse modelo requer treinamento, apoio técnico, infraestrutura material e, acima de tudo, motivação e crença de que isso é possível.

**E como os professores podem se preparar para esses impactos, muito além da formação continuada disponibilizada pelas escolas e secretarias de Educação?**

Acredito que, a partir do momento em que os professores se sintam incomodados com sua forma de dar aula e comprometidos com uma mudança positiva, a busca individual se torna um caminho natural. Hoje essa busca individual não tem mais a barreira da falta de tempo de frequentar cursos de atualização. Assistir a uma aula no YouTube para se inspirar antes de fazer seu plano de aula ou fazer um curso online de curta duração sobre novas metodologias são ações viáveis mesmo para aqueles que têm uma vida atribulada. Tudo parte da consciência da necessidade de evolução do modelo de ensinar e aprender para que se torne mais próximo da dinâmica intensa e tecnológica imposta pelo mundo atual.

**Um dos desafios das escolas com a BNCC é a reconstrução do seu Projeto Político Pedagógico (PPP) para orientar suas intenções e objetivos com autonomia e gestão democrática. Dessa forma, como uma instituição de ensino pode atuar de modo a integrar a Base ao seu PPP?**

Em primeiro lugar, absorvendo a ideia de grande oportunidade de mudança para melhor que essa integração traz. Em segundo lugar, concebendo o PPP da escola como sua carta identitária, a carteira de identidade, a constituição que caracteriza e define as ações de aprendizagem que ali ocorrem. Quando encaramos o PPP apenas como um documento legal e obrigatório, basta atualizar o capítulo de Proposta Curricular de acordo com a BNCC e voltar a guardá-lo numa gaveta.

O grande desafio das equipes gestoras é fazer desse momento de adequação do PPP um momento de mobilização da equipe para uma revisão total da escola a partir do que diz a BNCC. Perguntas como “Estamos garantindo o desenvolvimento das competências necessárias em cada ano de ensino? Como temos evidenciado isso?” ou “O que falta para que nossa escola tenha um olhar realmente integral para o aluno?” são essenciais para que possamos realinhar o projeto da escola e fazê-lo coerente com o que diz a BNCC.

**Um dos grandes desafios para os educadores é a inserção das competências socioemocionais nos currículos. Existe uma forma, uma linha possível para trabalhar essas novas competências na sala de aula?**

Um dos principais objetivos da BNCC é garantir a formação integral dos indivíduos por meio do desenvolvimento das chamadas competências do século XXI, que dizem respeito à formação de cidadãos com capacidade de aprender a aprender, de resolver problemas, de ter autonomia para a tomada de decisões, pessoas que sejam capazes de trabalhar em equipe, respeitar o outro, o pluralismo de ideias, que tenham a capacidade de argumentar e defender seu ponto de vista. Logo, estamos diante de um referencial que induza o desenvolvimento de competências que compõem a formação de cidadãos críticos, criativos, participativos e responsáveis, capazes de se comunicar, lidar com as próprias emoções e propor soluções para problemas e desafios. Estamos, aqui, falando das competências socioemocionais que estão fortemente presentes nas dez competências gerais da BNCC.

“ (...) a BNCC não fala no acréscimo das competências socioemocionais como novos conteúdos a serem acrescentados, mas como componentes de uma forma dinâmica de gerir a sala de aula ”

É preciso compreender que a BNCC não fala no acréscimo das competências socioemocionais como novos conteúdos a serem acrescentados, mas como componentes de uma forma dinâmica de gerir a sala de aula. Desenvolver as competências socioemocionais por meio do currículo significa desenvolvê-las no dia a dia, ao longo das interações com os alunos durante os trabalhos em equipe. Observar se estão interagindo com respeito, se estão colaborando uns com os outros, se possuem paciência de esperar ou resiliência para lidar com resultados frustrantes.

#### **E como desenvolver a avaliação dessas competências?**

Se o professor conseguir realizar um trabalho em que o aluno tenha sido ativo na busca de soluções e na construção de caminhos e alternativas, interagindo com o coletivo de forma positiva, poderemos afirmar que tais competências foram desenvolvidas. Não há, ainda, instrumentos para avaliarmos as competências socioemocionais isoladamente (nem consigo imaginar como seriam). Os professores precisam integrar o desenvolvimento das

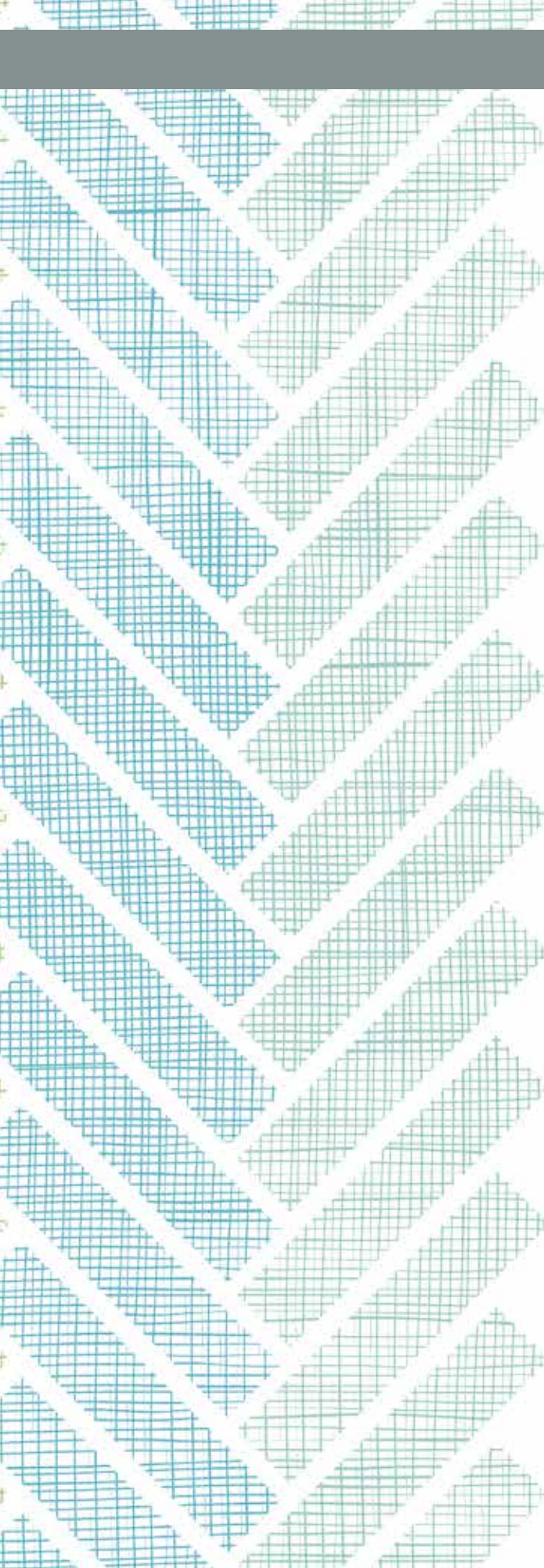
CSE [competências socioemocionais] às atividades curriculares cotidianas e, na medida em que proponham atividades em que os alunos tenham papel ativo na construção do conhecimento, e o processo se dê de maneira coletiva e interativa, terão condições de avaliar se os estudantes estão sendo empáticos, responsáveis, éticos etc.

**A BNCC também ressalta ainda mais o protagonismo do aluno. Como promover esse despertar dos estudantes em um modelo de escola que muitas vezes não chama a atenção dos jovens de hoje?**

O desafio é exatamente esse. Tornar a escola um lugar de busca e não um lugar de recepção passiva de informações. As gerações atuais já nasceram em um mundo interativo, onde um toque do dedo altera a fonte de informação e o controle remoto é o protagonista da busca frenética pelo que mais chama a atenção. Uma escola que siga essa lógica vai atuar na mesma sintonia dessas crianças e adolescentes. Trabalhar por meio de projetos é o caminho. Levá-los a descobrir ao invés de dar a resposta. A pedagogia de projetos diversifica-se cada vez mais com o surgimento de novas metodologias ativas, que colocam o aluno como pesquisador, projetista, enfim, organizador de sua própria aprendizagem.

O maior entrave, a meu ver, está na falta de predisposição do professor para a mudança de sua prática em sala de aula. Essa resistência, porém, não é gratuita. Não é uma “birra”, como muitos pensam. O professor é oriundo de uma escola que exigia uma postura passiva de quem aprende, e a tendência é repetir o caminho que nos fez aprender. Quebrar esse paradigma é a chave para a mudança da escola.





**A formação integral e cidadã dos alunos também passa pela promoção da relação escola-comunidade. No cenário social em que viemos atualmente, no qual a escola trabalha muitas vezes dissociada da família, por diversos fatores, como promover essa integração?**

O cenário atual da educação brasileira aponta convergentemente para a integração escola-família-comunidade como caminho para a resolução de muitos problemas. Aumentar o foco na aprendizagem, desenvolver as competências socioemocionais, diminuir os índices de violência escolar e instigar a construção dos projetos de vida são algumas das tarefas que a escola tem hoje que não serão plenamente desenvolvidas se escola e família não formarem uma aliança em prol da educação de nossas crianças e jovens.

Uma das maiores queixas das escolas diz respeito à omissão das famílias. O movimento de construção dessa relação é uma tarefa desafiadora frente a tantos compromissos dos pais e ao fato de atribuírem à escola funções que muitas vezes lhes cabem. Nesse cenário, a construção de bons hábitos entre família e escola só pode ser bem-sucedida se o foco for o bem da criança. É preciso garantir uma relação de confiança entre pais, escola e aluno, e a escola precisa enxergar o tamanho do valor desse processo. A partir disso, algumas escolas já redescobriram a importância do papel do orientador educacional, profissional que se ocupa da manutenção de um clima escolar saudável, por meio de ações junto aos alunos, pais e professores. A gestão escola-família torna-se cada vez mais essencial para o sucesso da aprendizagem. ◇